

A ÉTICA DE EPICURO: UM ESTUDO DA CARTA A MENECEU

Táuria Oliveira Gomes

Orientador Ignácio César de Bulhões

Mas hoje, toma-se por um sonhador aquele que vive conforme aquilo que ensina. (KANT apud P. HADOT, *O que é a filosofia antiga?*, p. 12)

Quero dizer, portanto, que o discurso filosófico [da antigüidade] deve ser compreendido na perspectiva do modo de vida do qual é, ao mesmo tempo, meio e expressão e, por consequência, que a filosofia é antes de tudo uma maneira de viver, mas que está estreitamente ligada ao discurso filosófico. (P. HADOT, *Ibid*, p. 18-9)

... procura recordar os raciocínios capazes de ensinar a conquista de uma vida feliz. (DIÓGENES LAÉRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, 83-84)

Resumo: Em Epicuro, encontramos uma ética voltada para a busca do prazer. Este é entendido como ausência de dor e de inquietação, a *aponía* e a *ataraxía*. Essa ética pretende ensinar a evitar ou a suportar a dor, o medo e o sofrimento que estão sempre à espreita. Epicuro, na *Carta a Meneceu*, aborda a questão da moral, a maneira de como o homem deve encarar a vida, quando procura a felicidade. Essa busca tem um traço que distingue Epicuro de outros filósofos. Para o primeiro, qualquer pessoa, em qualquer idade, pode buscar a felicidade, dedicando-se à filosofia. Destaca-se, então, pelo seu materialismo e empirismo que se articulam à ética. Sua contribuição é apresentar uma ética que nos ensina a cuidar de nossa vida sempre como bem que tem seu acabamento na construção de uma comunidade fundada na amizade.

Palavras-chave: Ética, felicidade, prazer, amizade.

Resumen: En Epicuro, encontramos una ética volcada para la búsqueda del placer. Este es entendido como ausencia de dolor y de inquietación, la *aponía* y la *ataraxía*. Esa ética pretende enseñar a evitar o a soportar el dolor, el miedo y el sufrimiento que están siempre a la espreta. Epicuro, en la *Carta a Meneceu*, aborda la cuestión de la moral, la manera de como el hombre debe enfrentar la vida, cuando busca la felicidad. Esa búsqueda tiene un rasgo que diferencia Epicuro de otros filósofos. Para el primero, cualquier persona, en cualquier edad, puede coger la felicidad, dedicándose a la filosofía. Se destaca, entonces, por materialismo y empirismo que se articulan a la ética. Su contribución es presentar una ética que nos enseña a cuidar de nuestra vida siempre como bien que tiene su término en la construcción de una comunidad fundada en la amistad.

Palabras-llave: Ética. Felicidad. Placer. Amistad.

Introdução

A ética é um campo da filosofia voltado para os problemas práticos do homem. De modo geral, as pessoas, ao longo da história hu-

mana, têm estado preocupadas com questões concernentes à morte, à solidão, à angústia, ao medo. A insegurança é um componente da vida: a

fragilidade da saúde física e mental, o inesperado dos acontecimentos naturais e sociais. A ética, então, procura refletir sobre esses problemas de modo a estabelecer um bem ao mesmo tempo constante e possível e, sobretudo, consistentemente justificado.

Em Epicuro, encontramos uma ética voltada para ensinar a evitar ou a suportar a dor, o medo e o sofrimento que estão sempre à espreita. Epicuro, na *Carta a Meneceu*, aborda a questão da moral, da maneira como o homem deve encarar a vida e da busca da felicidade.

O bem último da vida humana, aquilo pelo qual a vida vale ser vivida, é a felicidade (*eudaimonía*). Por sua vez, a felicidade, "ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma" (EPICURO, 1997, p. 43), é o prazer duradouro da serenidade do espírito. Para alcançá-la, é necessária a reflexão filosófica que busca estabelecer um conhecimento sobre a própria natureza humana, seus desejos e prazeres; sobre o saber prático do autodomínio; sobre a natureza dos deuses; sobre o que é e o que significa a morte para o homem; sobre a autarquia; sobre a liberdade e a responsabilidade; e, sobretudo, "um exame cuidadoso (...) que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos"(Id, *Ibid*, p. 45). Formulamos o seguinte problema: quais as características fundamentais da ética epicurista tal como exposta na *Carta a Meneceu*?

A hipótese é que o objetivo ético da *ataraxía* se apoia sobre a consciência adquirida pelo indivíduo mediante uma rigorosa reflexão teórica sobre esses temas.

O estudo da ética epicurista é relevante porque representa, em primeiro lugar, uma doutrina até certo ponto inovadora, que marca sua posição em relação a outros grandes modelos éticos, e que, ao fazê-lo, enriquece a nossa compreensão da filosofia moral antiga, e, indiretamente, enriquece o debate ético contemporâneo, na medida em que este é herdeiro daquele acontecido na Grécia.

Em segundo lugar, é preciso lembrar que os estudos sobre o epicurismo foram retomados de uns vinte anos para cá (GUAL, 1996, p. 8). Descobriu-se que, por diversas razões, ele havia sido posto no esquecimento. Esta tendência foi revertida. Certamente, o estudo do epicurismo e suas concepções éticas deverão constar de modo crescente não apenas nos cursos de pós-graduação em Filosofia, mas também na graduação. Este, seguramente, constitui mais um item que caracteriza a relevância dos estudos em torno de Epicuro.

O texto básico de pesquisa é a *Carta a Meneceu*, carta esta que se encontra na obra de Diógenes Laércio (livro X, 122 a 135). Trata-se do princi-

pal texto de Epicuro “que versa justamente sobre a conduta humana tendo em vistas alcançar a tão almejada ‘saúde do espírito’ ” (LORENCINI, 1997, p. 14).

As fontes primárias ainda esperam, em grande parte, pela tradução para a língua portuguesa. Apesar disso, como discriminado mais adiante, as obras essenciais de DIÓGENES LAÉRCIO (1997) e LUCRÉCIO (1988) já são acessíveis em nossa língua. Como fontes secundárias, temos as obras de comentadores como MORAES (1998), FARRINGTON (1968), DARAKI (1996) e o espanhol GUAL (1996).

Quanto ao método, a partir da síntese de Epicuro elaborada na *Carta a Meneceu*, pretender-se-á descer aos aspectos mais particulares e de maior riqueza de detalhes, para se ter uma visão mais aprofundada do sentido da ética epicurista. Proceder-se-á fazendo levantamento de fragmentos epicuristas e de alguns comentadores, tratando do contexto histórico, da vida e obra de Epicuro, da formação do Jardim, das partes da filosofia relacionadas ao seu pensamento e da *Carta a Meneceu*.

Duas são as traduções da *Carta a Meneceu*, referidas neste trabalho, a de Mario da Gama Kury (DIÓGENES LAÉRTIOS, 1997) e a de A. Lorencini e E. Del Carratore (EPICURO, 1997).

Vida e Obra de Epicuro

Contexto Histórico

A perda da liberdade política, com o domínio macedônio e depois romano, alterou o quadro da vida grega na Antigüidade, quando a Grécia vinha desenvolvendo sua experiência cultural e filosófica. O país passou a ser imenso organismo político, com um grande aglomerado de povos, passando a haver uma mistura entre gregos e orientais, o que antes não acontecia.

O grego, sem dúvida, possuía um senso de liberdade muito diferente do depois implantado. Pertencia a uma cidade-Estado autônoma e tradicional, sabendo bem usufruir dos direitos de democracia, sem submissão a qualquer senhor.

Contudo, a cultura grega se difundia, tornando-se comum a todos os Impérios Mediterrâneos e dando início ao período chamado helenístico. Em Atenas, que permanecia um centro de investigação filosófica, vão surgindo outros focos de atividades. As ciências particulares passam a ter desenvolvimento autônomo, principalmente em Alexandria, despregadas assim da antiga sabedoria filosófica. O século III a.C., por exemplo, foi tido como esplêndido para as matemáticas e para a astronomia, mas foi também neste mesmo período que se desenvolveram as ciências com base na observação. Surge um novo tipo de intelectual, conhecido como especialista e erudito, que contribuiu para a valorização da ci-

ência, no seu aspecto teórico, liberta da religião tradicional e dos dogmas da filosofia.

As novas condições impostas ao mundo grego tornavam impossível a participação do indivíduo no governo da *pólis*, tal como o cidadão grego conheceu na fase democrática. O conhecimento deixa de ser preparação para a atividade política, passando a se ocupar do aprimoramento interior do homem. Distanciada das preocupações políticas, a filosofia aspirava ao estabelecimento de normas universais para a conduta humana, tendendo a dirigir as consciências. O problema ético torna-se, então, o centro da especulação das correntes filosóficas.

A ética grega, nesta época, procurava o bem do indivíduo. A plenitude de sua realização requeria que fossem alcançadas, ao mesmo tempo, a sabedoria e a serenidade interiores, principalmente nas circunstâncias adversas.

Vida e Obra

Epicuro nasceu por volta de 341 a.C. em Samos, ilha grega onde começou seus primeiros estudos de filosofia. Morou também em Atenas, Cólofon e Lâmpsaco, vindo a falecer em Atenas, em 270 a. C., quando tinha setenta e dois anos de idade.

Seu interesse pela filosofia teria despertado "após haver repudiado os mestres-escolas porque não souberam explicar-lhe a significação de

'caos' em Hesíodos" (DIÓGENES LAËRTIOS, X, 2). Outra referência sugere sua sensibilidade ao tema da dor física e psíquica e, ao mesmo tempo, da inutilidade - e do erro - dos homens pedirem os favores dos deuses: "Epicuro andava juntamente com sua mãe pelas casas de pessoas pobres recitando fórmulas expiatórias" (Id, *Ibid*, 4).

"Exerceu primeiramente, como seu pai, o ofício de mestre de letras e de gramática; só mais tarde abriu escola de filosofia" (JOYAU, 1973, p.11). Em Atenas conheceu grandes pensadores e nela também comprou uma casa com jardim onde existiu O Jardim de Epicuro. O Jardim era habitado por mestres e discípulos de Epicuro que aí cultivavam hortaliças para o próprio sustento bem como acampavam em barracas no Jardim.

Apresentou testemunhos suficientes de seus sentimentos insuperavelmente bons para com todos, sendo seus seguidores fascinados por sua doutrina. "Sua piedade para com os deuses e seu apego à pátria não podem ser expressos com palavras" (DIÓGENES LAËRTIOS, X, 10). E por sua moderação, não participou da vida política. "Apesar das perturbações que afligiram a Grécia, (...) não se meteu em assuntos públicos, não desempenhou nenhum papel nas revoluções" (JOYAU, 1973, p. 12). Contentava-se com muito pouco para viver. Às vezes, bebia vinho, mas geralmente comia pão acompanhado de água; e o queijo recebido como presente de amigos era guar-

dado para banquete especial. "Este é o homem, escreve Diôgenes Laêrtios, segundo o qual o prazer é o fim supremo da vida" (X, 11).

Era apreciador do filósofo Anaxágoras e do mestre de Sócrates chamado Arquelaos. O sucessor de sua escola foi Hêrmarcos, filho de Agêmortos, após sua morte em consequência dos cálculos renais.

Epicuro foi também escritor, totalizando cerca de trezentos volumes sem citações de outros autores. Escreveu *Da Natureza*, em trinta e sete livros. Mas nos restou apenas como legado, suas três Cartas. A primeira dirigida a Heródoto tratando da física; a segunda dirigida a Pítocles, tratando da meteorologia e da astronomia e a terceira dirigida a Meneceu, tratando das concepções sobre a vida humana. A última carta é, no momento, a de interesse, tratando a ética como fatos relacionados com a escolha e a rejeição. Os epicuristas chamam esta ética de "ciência do que deve ser escolhido e rejeitado, e também dos modos de vida e do fim supremo" (DIÔGENES LAÊRTIOS, X, 30).

O Képos

O próprio lugar escolhido por Epicuro para sua escola é a expressão da novidade revolucionária do seu pensamento: um prédio com um jardim nos arredores de Atenas. O Jardim estava longe do tumulto da vida pública e próximo do silêncio do campo. "Jardim" (que, em grego, diz-se

Képos) e "os filósofos do Jardim" passaram a indicar a Escola; a expressão "os do Jardim" tornou-se sinônimo de seguidores de Epicuro, os epicuristas.

A palavra que vinha do Jardim pode ser resumida em algumas afirmações: a realidade é perfeitamente penetrável e cognoscível pela inteligência do homem; nas dimensões do real existe lugar para a felicidade do homem; desde que ele aprenda como buscá-la, a felicidade é ausência de dor e perturbação, e para atingi-la o homem só precisa de si mesmo.

A doutrina de Epicuro ensinada no Jardim pregava que a vida prática deve ser não somente a nossa principal mas também nossa única preocupação. A filosofia não é uma ciência, é uma regra do procedimento. Epicuro dizia que a filosofia era uma atividade destinada a estabelecer, por meio de raciocínios e de discussões, uma vida feliz, sendo o filósofo não apenas uma questão de palavras, mas sobretudo de atos. Ensinava que os homens fazem mal em perder tempo com buscas determinadas apenas pela curiosidade sobre assuntos que lhes importam pouco ou mesmo nada, quando deveriam concentrar todos os seus cuidados sobre as coisas que dizem respeito à sua felicidade.

As Partes da Filosofia

Impossível tratar da ética sem referi-la às concepções que Epicuro elabo-

rou acerca da natureza e do conhecimento.

O filósofo adota a tripartição da filosofia em lógica, física e ética. A primeira deve elaborar os cânones segundo os quais reconhecemos a verdade; a segunda estuda a constituição do real; a terceira, o fim do homem (a felicidade) e os meios para alcançá-la. Os epicuristas chamam "a física de ciência do nascimento e da morte, e também da natureza; a ética (...) de ciência do que deve ser escolhido e rejeitado, e também dos modos de vida e do fim supremo" (DIÔGENES LAËRTIOS, 1997, p. 30).

A Canônica

Quanto ao conhecimento, é lícito dizer que Epicuro distingue as opiniões verdadeiras das falsas, e que chama uma opinião de verdadeira quando esta pode ser evidenciada pela sensação que a confirma. Portanto, a opinião é falsa se o sentido a contradiz.

Segundo Epicuro, a canônica e a física são necessárias; mas, ainda uma vez, não as devemos estudar senão pelos serviços que prestam à moral, e não devemos de modo algum inquietar-nos com problemas que não têm relações com a vida prática. "O que faz o valor da canônica é que ela fundamenta em nós a certeza; ora, a certeza é um dos contrafortes da felicidade, visto que só ela dá a segurança e a ataraxia" (EPICURO, 1973, p. 19). A canônica,

na realidade, não é mais do que uma parte da física, pois a última liberta o homem dos preconceitos e dos terrores que o impedem de ser feliz; a moral ensina-lhe de forma positiva os meios de chegar à felicidade. "É evidente, entretanto, que o conhecimento físico não é verdadeiro porque tranqüiliza a alma, mas, ao contrário, tranqüiliza a alma porque é verdadeiro" (MORAES, 1998, p. 28).

A Fisiologia

Segundo Epicuro, a física serve para dar fundamento à ética. Ela funciona como uma ontologia, uma visão geral da realidade em sua totalidade e em seus princípios últimos. É formada por átomos indivisíveis e imutáveis, dotados da força necessária para permanecerem intactos e para resistirem enquanto os compostos não se dissolvem.

Acreditava e pregava no Jardim que a liberdade não pode ser buscada e encontrada na esfera do físico e do material, mas somente na esfera superior, do espiritual. E, embora em cada instante existam mundos que nascem e mundos que morrem, Epicuro bem pode afirmar que o todo não muda. Com efeito, não só os elementos constitutivos do universo permanecem perenemente como são, mas também todas as suas possíveis combinações permanecem sempre atuantes, exatamente por causa da infinitude do universo, que dá sempre lugar à concretização de todas as possibilidades.

Epicuro então introduz a teoria da declinação dos átomos (*clinámen*), segundo a qual os átomos podem desviar-se a qualquer momento do tempo e em qualquer ponto de espaço num intervalo mínimo de linha reta e, assim, encontrar outros átomos.

A alma, como todas as outras coisas, é um agregado de átomos. Agregado formado em parte por átomos ígneos, aeriformes e ventosos, que constituem a parte irracional e lógica da alma. E, em parte, por átomos que são diversos dos outros e que não têm um nome específico, constituindo a parte racional. Portanto, como todos os outros agregados, a alma não é eterna, mas mortal. Essa é uma consequência que decorre necessariamente das premissas materialistas do sistema.

A Ética

Epicuro trata de temas da ética nas três cartas que nos restaram, bem como nas *Máximas Capitais*.

Temas centrais da ética epicurista como a *ataraxía*, a ausência de medo frente à morte, a caracterização do prazer, e a correta compreensão dos desejos, têm suas bases de justificação no empirismo de Epicuro, por dois motivos: o princípio de toda escolha ou rejeição é o prazer e a dor; por outro lado, o conhecimento mesmo do que sejam a morte e o vir-a-ser das coisas, é relativo às experiências acumuladas que permitem generalizar e inferir a verdade única ou múltipla sobre elas.

E, no que diz respeito à física, a concepção da alma como corpo material e atômico, é fundamental na explicação da mortalidade do ser humano. Daí, todo o enfoque ético voltar-se para sua vida única, irrepitível e limitada.

Carta a Meneceu

A *Carta a Meneceu* tem como ponto básico abordar a ética, mostrando "a condição primeira de uma conduta feliz" (GUAL, 1996, p. 134), com vistas a buscar alcançar a saúde do espírito.

Exortação à Prática Filosófica

Epicuro inicia a *Carta a Meneceu* que escreveu para o amigo Meneceu, dizendo que não há idade para se dedicar à filosofia. O velho pode estudá-la em sua velhice, assim como o jovem em sua juventude. Alega o filósofo que ninguém é novo demais para procurá-la, porque não se é novo para ser feliz e para se alcançar a saúde do espírito. Se o jovem já se preocupar com a filosofia, bom será a ele mesmo, porque assim enfrentará a velhice sem medo das coisas que estão por vir.

Assim sendo, é bom entender a importância da filosofia. Quem a entende chama-se sábio e é o ser capaz de saber a importância do viver.

A Divindade: Imortal e Bem-Aventurada

Epicuro afirma que acredita na existência dos deuses, em deuses que são perfeitos e imortais, não sendo modificados por falsos juízos que os mortais têm acerca deles.

Os deuses não interferem no andamento das coisas do cosmo e do homem. Conceber assim a divindade representaria, para Epicuro, não só fonte de inquietação para os homens, mas também uma impiedade:

os juízos do povo a respeito dos deuses (...) se baseiam (...) em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmãos pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles. (EPICURO, 1997, p. 25-26).

A Morte é Nada para Nós

Epicuro aborda o valor da vida, ainda que seja curta, mas de grande importância se for bem vivida. Justifica que de nada adiantaria viver muito, se não se vivesse bem. Este ensinamento epicurista é um grande legado para a sociedade de hoje e nos faz pensar, por exemplo, o que intencionaram os terroristas no ataque a Nova Iorque. Teria sido a mesma questão pensada por Epicuro: ainda que viva pouco, viva bem? De nada adiantaria viver mais, num mundo que não fosse desejado.

O filósofo também menciona, na *Carta a Meneceu*, sobre o homem

que nasce e que um tempo depois quer morrer. A este Epicuro chama de muito tolo. Questiona o porquê de se viver tão depressa.

Já quanto à morte, Epicuro a trata como privação das sensações. Mostra que não devemos temê-la, mas que devemos procurar viver bem e de forma feliz até que ela chegue, uma vez que não é importante ser eterno. "Acostuma-te à idéia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações." (EPICURO, 1997, p. 27). A morte é um fato pelo que a razão mostra, se os átomos se dissolvem, somos mortais. Pensar a imortalidade seria um sonho. Interessa é ter uma vida com mais qualidade, sem precisar, para isso, de mais quantidade. Para Epicuro, o homem poderia ter uma vida semelhante aos deuses, mesmo sendo mortal. Epicuro também fala a Meneceu que não há nada de terrível em se deixar de viver. Chama de tolo aquele que diz ter medo da morte. Conclui esta questão de maneira brilhante quando diz que a morte não existe para aqueles que estão vivos.

Epicuro trabalha também na morte a questão de que alguns a desejam para dar fim aos males da vida; enquanto outros fogem dela como se ela fosse o maior de todos os males.

E a morte? A morte é um mal só para quem nutre falsas opiniões sobre ela. Como o homem é um "composto alma" num "composto corpo", a

morte não é senão a dissolução desses compostos, na qual os átomos se espalham por toda parte, a consciência e a sensibilidade cessam totalmente e, assim, só restam do homem ruínas que se dispersam, isto é, nada. Assim, a morte não é pavorosa em si mesma porque, com sua vinda, não sentimos mais nada; nem pelo seu "depois", exatamente porque não resta nada de nós, dissolvendo-se totalmente nossa alma, assim como nosso corpo; enfim, a morte tolhe nada da vida que tenhamos vivido, porque a eternidade não é necessária para a absoluta perfeição do prazer.

Sendo assim, mais uma vez, é necessário vencer o medo da morte. A morte, sendo o mais aterrador dos males, não é nada para nós; enquanto vivemos a morte não existe, e quando vem a morte nós não existimos. Por esta razão, nada temos a lucrar vivendo eternamente, mas temos tudo a lucrar vivendo bem, uma vez que o que conta é a qualidade da vida, não a sua duração.

O Futuro

A sorte, o acaso, ou a fortuna tornou-se, desde as crises agudas da *pólis* clássica, uma deusa, a *Tiche*. Talvez, contra a deificação do que está por vir de modo obscuro, Epicuro busca suas medidas na perspectiva racional. Em passagem breve na *Carta*, Epicuro aborda sobre o futuro, e es-

clarece que não devemos viver a esperá-lo. Diz:

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não-nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais (EPICURO, 1997, p. 33).

Os Desejos

Os desejos são naturais (*physiká*) ou inúteis (*kená*). Os desejos naturais são aqueles próprios à natureza humana, isto é, a *phýsis* é o desejo de comer, beber, abrigar-se; o desejo fundamental de "nos afastarmos da dor e do medo" (DIÓGENES LAÉRTIOS, X, 128), isto é, do desprazer. Os desejos inúteis, vãos ou privados (o termo é traduzido por vazio (EPICURO, 1997, p. 35), para outro lado, resultam de opiniões falsas ou desconhecimento acerca dos desejos. Poder-se-ia perguntar se não têm realidade, no sentido de não corresponder a nada da *phýsis*, embora resultem em atos e concretizações culturais e políticas certamente "reais".

Naturais e inúteis

Quanto aos desejos, alguns são chamados por Epicuro de inúteis. Mas há desejos necessários e, portanto, naturais. São estes últimos responsáveis pela nossa felicidade, pelo bem-estar de nosso corpo, pelas nossas palavras, pela nossa vida.

O prazer: início e fim da vida feliz

Epicuro deixa manifesto a idéia de que o homem deve filosofar e buscar através desta prática a felicidade, tal a obra: *Carta a Meneceu*. Porém, a felicidade não deve ser buscada por uma única vez, mas durante todo o decorrer da vida, conforme indica: "(...) o fim último é o prazer, (...) que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. (EPICURO, 1997, p. 43).

Fala que só sentimos necessidade do prazer, quando não o estamos possuindo e carecemos dele, porque, de outra maneira, não haveria necessidade. Falamos, no entanto, do prazer porque o determinamos importante numa vida feliz. Podemos assim dizer que o prazer é um bem para o homem, porque nos permite escolher e recusar, uma vez que só é possível falar de dor quando se sabe o que vem a ser o prazer. Mas quando Epicuro trata do prazer, não está se referindo a qualquer prazer. O prazer que gera efeito desagradável, não é compensado; todavia precisamos lembrar que nem toda dor deve ser evitada. A dor pode vir a trazer benefício.

O desejo natural (comer, beber e, mais, estar bem física e psiquicamente) surge como desejo de superar o desprazer (de fome, de encontrar-se desconfortável física e psiquicamente). O prazer é, portanto, o satisfazer aquelas necessidades. Remete a uma carência, faz-se ob-

jeto de busca "quando sofremos sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir" (EPICURO, 1997, p. 37).

É neste sentido que o prazer é princípio. É um princípio que move o ser vivo quando este não está como deve estar.

Avaliação dos prazeres

Também, na obra, Epicuro trata dos desejos e coloca em evidência o prazer; todavia, esclarece que, apesar deste ser um bem, pode chegar a provocar dor. Sendo assim, dá um conselho: os prazeres precisam ser bem aproveitados e analisados de forma qualitativa e nunca quantitativa.

Epicuro não vê o caro como mais prazeroso, porque, segundo ele, o prazer não é conseguido pelo excesso, nem pelo requinte, mas pela supressão de uma necessidade que pode ser sanada de forma simples e com pouco custo. Entendemos assim prazer como ausência dos sofrimentos do corpo e da alma.

Se a essência do homem é material, também necessariamente será "material" o "seu bem específico", aquele bem que, concretizado e realizado, torna o homem feliz. E que bem seja este é a natureza, considerada na sua imediatividade, que nos diz sem meias palavras, como já vimos; que o bem é o prazer.

Para julgar o prazer, é preciso distinguir-lhe duas espécies, o prazer em movimento e o prazer em repouso, cuja plena realização se encontra na *ataraxía*. O único prazer completo é o prazer em repouso, pois o prazer vem da satisfação de um desejo, e o desejo vem de um sofrimento. Nasce o desejo do fato de sofrer eu de alguma coisa. Desejo comer, quando sinto fome, e a fome é um sofrimento. O prazer em movimento é o prazer do sofrimento que se está eliminando: o que experimento ao comer; o prazer em repouso é o do sofrimento eliminado, quando estou saciado.

O verdadeiro prazer, o prazer em repouso, é um prazer calmo; o ideal da vida está numa serenidade permanente, feita duma saciedade constante, não perturbada nem pelo sofrimento, nem pelo desejo. Mas a vida do corpo não proporciona essa felicidade; os prazeres do corpo são misturados de febre e inquietação; Epicuro desconfia dele, como a maior parte dos filósofos. Por isso, o verdadeiro prazer se goza antes no prazer do espírito, mais profundo, mais completo que o prazer do corpo, porque o corpo se limita à sensação presente, enquanto que o espírito se reporta ao passado e espera o porvir.

O objeto do prazer do espírito, como sua natureza, reduz-se ao prazer físico, pois consiste, antes de tudo, na lembrança do prazer que se teve e na expectativa do que se prepara. A sabedoria de Epicuro vem a dar, as-

sim, num cálculo prudente do prazer físico, com o fim de gozá-lo o mais puro possível, isto é, o menos misturado de sofrimento. Esse Prazer deixa uma lembrança em esperança, geram-se os prazeres uns aos outros, para tornar feliz a vida.

Por outro lado, é pela razão que se escolhem os prazeres, conforme o que estes podem proporcionar. Certos prazeres trazem sofrimento, como quando se come demais; certas dores causam prazer, como quando se segue um tratamento penoso. Por isso, nem todo prazer é objeto de uma escolha; há muitos que deixamos de lado, quando o mal que é sua consequência supera o próprio prazer. Do mesmo modo, muitos sofrimentos nos parecem preferíveis ao prazer, quando esses sofrimentos, suportados por muito tempo, são compensados, e com vantagem, pelo prazer que deles resulta.

Para ter prazer de espírito, é preciso ter um pouco de fome. Conservará o epicurista sua capacidade de gozo, não comendo nunca até a plena saciedade, como fazem os animais e os homens bestiais, mas conservando-se sempre suficientemente nutrido, para não sofrer fome alguma.

Para Epicuro, portanto, o verdadeiro prazer vem a ser a ausência de dor no corpo (*aponía*) e a falta de perturbação da alma (*ataraxía*). Dizemos que o prazer é um bem quando ele é ausência de dor no corpo e ausência de perturbação na alma. Nem liba-

ções e festas ininterruptas, nem comer peixes e tudo o mais que uma mesa rica pode oferecer são fonte de vida feliz, mas sim o raciocinar, que escuta as causas de todo ato de escolha e de recusa e que expulsa as falsas opiniões por via das quais grande perturbação se apossa da alma.

Para garantir o atingimento da *aponía* e da *ataraxía*, Epicuro distinguiu: prazeres naturais e necessários; prazeres naturais mas não necessários; prazeres não naturais e não necessários. Estabeleceu depois que atingimos o objetivo desejado satisfazendo sempre o primeiro tipo de prazer, limitando-nos em relação ao segundo tipo e fugindo do terceiro.

Entre os prazeres do primeiro grupo, isto é, aqueles naturais e necessários, ele coloca unicamente os prazeres que estão estreitamente ligados à conservação da vida do indivíduo: estes seriam os únicos verdadeiramente válidos, porque subtraem a dor do corpo, como, por exemplo, comer quando se tem fome, beber quando se tem sede, repousar quando se está cansado e assim por diante. Ao mesmo tempo, exclui do grupo o desejo e o prazer do amor, porque são fonte de perturbação. Entre os prazeres do segundo grupo, ao contrário, coloca todos os desejos e prazeres que constituem as variações supérfluas dos prazeres naturais: comer bem, beber bebidas refinadas, vestir-se com apuro e assim por diante. Por fim, entre os prazeres do terceiro grupo, não naturais e não

necessários, Epicuro coloca os prazeres vãos, isto é, nascidos das vãs opiniões dos homens, que são todos os prazeres ligados ao desejo de riqueza, poder, honras e semelhantes.

Os desejos e prazeres do primeiro grupo são os únicos que são sempre e habitualmente satisfeitos, porque têm por natureza um preciso limite, que consiste na eliminação da dor: obtida a eliminação da dor, o prazer não cresce ulteriormente. Os desejos e prazeres do segundo grupo já não têm mais aquele limite, porque não subtraem a dor do corpo, mas variam somente no grau do prazer e podem provocar notável dano. Os prazeres do terceiro grupo não tolem a dor corpórea e, por acréscimo, produzem sempre perturbação na alma. Por isso, são compreensíveis as afirmações: A riqueza segundo a natureza está inteira no pão, na água e num abrigo qualquer para o corpo; a riqueza supérflua traz para a alma também uma ilimitada aspiração dos desejos. Referimos pois nossos desejos, reduzamo-nos a nós mesmos, e neste *bastar-se-a-si-mesmo* (*autarquía*) é que estão a maior riqueza e felicidade.

Epicuro refere-se à *hedoné*. Pode significar o prazer do corpo ou do espírito, uma vez que *hedoné* traz toda a gama de significado desde o prazer físico até a extasiada contemplação da divindade. E no grego de Epicuro, *hedoné* muitas vezes é o equivalente de *makariótes* (bem-aventurança), o estado de ser dos

deuses, e dos homens que conseguem partilhar esse modo de vida.

A autarquia

Epicuro exorta um prazer com o qual ele viveu no Jardim e recomenda-o dizendo que:

o prazer, como bem principal e inato, não é algo que deva ser buscado a todo custo e indiscriminadamente, já que às vezes pode resultar em dor. (...) recomenda-se uma conduta comedida em relação aos prazeres, valendo, (...) aquele princípio da qualidade em detrimento da quantidade. (LORENCINI, 1997, p. 16-7).

O prazer como ausência de dor

Sendo assim, a regra da vida moral não é o prazer como tal, mas a razão que julga e discrimina, ou seja, a sabedoria que, entre os prazeres, esco-

lhe aqueles que não comportam em si dor e perturbação, descartando aqueles que dão gozo momentâneo, mas trazem consigo dores e perturbações.

A prudência: virtude maior

Retomando o conceito de felicidade, Epicuro trata então da prudência. Vemos esta como um bem, como preciosa e elevada. O homem só é feliz, se tem uma vida com prudência, com beleza e com justiça; donde podemos dizer que estes quatro elementos estão interligados.

Caracterização do Sábio

Epicuro fala a Meneceu de pontos essenciais para a prática correta de ensinamentos capazes de levá-lo à completa felicidade:

O homem sábio (...) jamais deve acreditar cegamente no destino e na sorte como se estes fossem fatalidades inexoráveis e sem esperança, parecendo despontar aqui aquela sua crença na vontade e na liberdade do homem. (LORENCINI, 1997, p. 17)

Diz na *Carta* que o homem mais feliz é o sábio, pois este tem um juízo acerca dos deuses, que se comporta de modo indiferente em relação à morte, que compreende o *télos* (fim) da natureza e que sabe discernir o bem maior de coisas simples e fáceis de obter.

A vida política

No que se refere à vida política, para o fundador do Jardim, ela é substancialmente não-natural, porque comporta continuamente dores e perturbações, compromete a *aponía* e a *ataraxía* e, portanto, compromete a felicidade. Com efeito, os prazeres da vida política, a que muitos se propõem, são puras ilusões: da vida política os homens esperam poder, fama e riqueza, que são, como sabemos, desejos e prazeres nem naturais nem necessários, sendo portanto vazias e enganosas miragens. A vida pública não enriquece o homem, mas o dispersa e dissipa. Por isso é que Epicuro se apartava e vivia separado da multidão, retirando-se para os arredores de Atenas, sentindo-se constrangido de estar entre a multidão. Assim, Epicuro bem pode afirmar que de todas as coisas que a sabedoria busca, em vista de uma vida feliz, o maior bem é a socialidade fundada na relação da amizade.

A *Carta a Meneceu* sugere a sociedade de amigos, isto é, de "semelhantes" quanto aos deuses e quanto aos companheiros de Meneceu na meditação do que Epicuro escreve:

Irmanados pela sua própria virtude, (os deuses) só aceitam a convivência com os seus semelhantes (...). Medita, pois, todas estas coisas (...) contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbado (...) mas viverás como um deus entre os homens (1997, p. 25-7, 51).

O destino e a sorte

Para que a vida seja agradável, necessitamos de saúde de corpo e tranqüilidade de espírito. Porém, todo prazer é bom, mas nem todo prazer deve ser escolhido. Toda dor é má, mas nem toda dor deve ser evitada. Assim, devemos nos acostumar a um padrão simples de vida, a fim de obtermos plena saúde e estaremos alerta e pronto para todas as tarefas necessárias da vida. Lembremos que o principal objetivo a ser alcançado pelo conhecimento é a paz de espírito. A essência do ensinamento de Epicuro estava em se aprender a viver juntos, e o método de divulgação era feito principalmente pelo contato pessoal e de viva voz.

Entendia Epicuro que a humanidade sofria de um mal universal, uma escuridão mental, um fardo de medo supersticioso; e grande parte da responsabilidade cabia aos ensinamentos das escolas. Contestou o ceticismo, a desconfiança nos sentidos e na razão; a falsa doutrina do prazer, de modo que a desconfiança dos sentimentos era acrescentada à desconfiança dos sentidos e da razão; a falsa doutrina dos compromissos sociais, que substituía a amizade pela justiça, a falsa doutrina de Deus, que assediava o espírito dos homens de medo em vez de enchê-los de alegria.

A função de Epicuro era apoderar-se dos progressos que haviam sido feitos nos círculos do Liceu, incorporá-

los em sua própria doutrina e dar-lhes a maior divulgação possível, pois compreendera que tinha algo de novo a dizer, algo que em si mesmo tinha futuro. Propunha, através de suas idéias, uma filosofia coerente e expressada numa divulgação que o levou ao alcance da compreensão do homem comum.

Nova exortação à prática filosófica

Quem então poderá ser feliz? Pergunta Epicuro a Meneceu, sugerindo como resposta o sábio. Este porque tem um juízo acerca dos deuses, é indiferente à morte, compreende a natureza e entende que coisas simples e fáceis podem ser boas e causa de uma vida feliz.

Considerações Possíveis

A sabedoria de Epicuro volta-se para o exercício prático de um modo de vida.

Ele crê nos deuses, ou, pelo menos, julga não ter boas razões para negá-los; parece-lhe, porém, inconcebível que os deuses se ocupem dos homens e do mundo. O mundo só se explica pelo acaso; o mundo é feito de átomos que se combinam sem regra; o próprio homem é uma combinação de átomos, fruto do acaso e, quando morre, tudo se dissolve. Não se tem, pois, que preocupar com a vida futura, nem mesmo com a morte, porque enquanto ainda existimos, a morte não está presente; mas, quando chega a morte, então somos nós que não existimos mais.

Temos que nos ocupar com esta vida. O problema da vida é passá-la o mais agradavelmente possível, sendo o prazer o bem primitivo e inato.

Segundo Epicuro, a amizade desempenha papel fundamental na felicidade. A amizade corresponde a um desejo que não é nem natural nem necessário; ocupando lugar importante no ideal da maior parte dos filósofos gregos. É ela uma forma de amor que não desperta paixões carnis e que satisfaz plenamente o espírito. Quando considera a amizade como o primeiro dos bens, concorda Epicuro, simplesmente, com uma tradição, que, sem dúvida, se apresentava a seu espírito como uma evidência.

Em suma, Epicuro representa uma atitude perante a vida, que centraliza ação no cálculo dos prazeres. Escolher as sensações para só reter ou procurar as que dão os prazeres mais puros, isto é, mais livres de sofrimento, procurar o gozo no prazer físico, mas só se dar aos prazeres físicos em que o espírito tenha a maior participação. O epicureu buscará a qualidade, não a quantidade; porque no prazer do gastrônomo o prazer do corpo serve de alimento ao prazer do espírito.

Sábio é ser feliz e, vice-versa, para sê-lo é necessário buscar a sabedoria. A *Carta a Meneceu* exorta ao exercício do filosofar como caminho indispensável ao maior dos bens, a

felicidade (o prazer da *ataraxía*) compreendida e realizada na vida. É neste sentido básico que a *Carta* tem o caráter de um pensamento e orientação prático-ética. Sendo a felicidade a busca do prazer como *aponía* e *ataraxía*.

O exercício do filosofar é impregnado de seu fim prático que reúne a reflexão, os afetos e a experiência corpó-

rea. E, ainda, da amizade como o elo necessário entre a felicidade do indivíduo e a harmonia da comunidade.

Cabe, finalmente, observar um traço da ética epicuréia, que se depreende do exposto, e quiçá de toda filosofia antiga: a interação e o engajamento entre pensamento e atitude.

Referências Bibliográficas

DARAKI, María; ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. *El mundo helenístico: cínicos, estoicos y epicúreos*. (Fernando Guerrero). Madrid: Akal, 1996.

DIÓGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. (Mário da Gama Kury). 2. ed. Brasília: UNB, 1997.

EPICURO. *Antologia de textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

_____. *Carta a Meneceu*. (Álvaro Lorencini, Enzo Del Carratore). São Paulo: UNESP, 1997.

FARRINGTON, Benjamim. *A doutrina de Epicuro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GUAL, Carlos García. *Epicuro*. Madrid: Alianza, 1996.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* (Dion Davi Macedo). São Paulo: Loyola, 1999.

JOYAU, E. *Epicuro*. IN: EPICURO. *Antologia de textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

LORENCINI, Álvaro; DEL CARRATORE, Enzo. *Introdução*. IN: EPICURO. *Carta a Meneceu*. São Paulo: UNESP, 1997.

LUCRÉCIO CARO, Tito. *Da Natureza*. (Agostinho da Silva). São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

MORAES, João Quartim de. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998. (Logos)